

Cotidiano

Juliana Diniz Gutierrez Borges¹

“Xô, preconceito!” Um projeto de sensibilização sobre as diferenças, por meio das obras da autora Ruth Rocha

Resumo: O projeto foi desenvolvido em uma turma de pré-escola vinculada ao Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente, no município do Rio Grande – RS. A turma era formada por 15 crianças entre 4 e 5 anos e duas professoras, sendo uma delas deficiente visual. A maioria das crianças estava ingressando na Instituição Educativa pela primeira vez e ainda não haviam interagido com pessoas deficientes. Assim, buscando articular o encantamento da literatura infantil brasileira e o respeito às diferenças, as obras da Ruth Rocha foram escolhidas como norteadoras do projeto por serem narrativas originais e divertidas, que tematizam diferentes situações cotidianas, respeito à alteridade, bem como aspectos do imaginário infantil. Dentre os principais resultados alcançados, destaca-se que esse grupo de crianças foi aprendendo a conviver com as diferenças e as necessidades do outro desde cedo, evidenciados em uma relação de confiança e amizade com as professoras, sem mais distinção entre ambas. Atrelado a isso, está a inserção das crianças a práticas de letramento, compreendendo os usos sociais da escrita em seu cotidiano.

Palavras-chaves: Diferenças. Pré-escola. Literatura infantil. Atipreconceito.

"Get out, prejudice!" a project to raise awareness of differences, through the works of author Ruth Rocha

Abstract: The project was developed in a pre-school group linked to the Center for Integral Attention to Children and Adolescents, in the city of Rio Grande - RS. The class consisted of 15 children between 4 and 5 years old and two teachers, one of whom was visually impaired. Most of the children were entering school for the first time and had not yet interacted with disabled people. Thus, seeking to articulate the enchantment of Brazilian children's literature and respect for differences, Ruth Rocha's works were chosen as the guiding principles of the project because they are original and fun narratives that thematize different daily situations, respect for otherness, as well as aspects of the children's imagination. Among the main results achieved, it is noteworthy that this group of children was learning to live with the differences and the needs of the other from an early age, evidenced in a relationship of trust and friendship with the teachers, with no further distinction between the two. Linked to this is the insertion of children into literacy practices, including the social uses of writing in their daily lives.

Keywords: Differences. Preschool. Children's literature. Anti-prejudice.

¹Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Rio Grande – RS; Licenciada em Pedagogia e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: julianadinizg@hotmail.com

Introdução

As vivências refletidas neste relato ocorreram em uma turma de pré-escola, com crianças entre quatro e cinco anos, no decorrer do ano letivo de 2017 de uma escola municipal de Rio Grande/RS. Era uma turma formada por duas professoras e por 15 crianças que, em sua maioria, estava ingressando na Instituição Educativa pela primeira vez e que, em seu contexto familiar, não tinham contato com pessoas deficientes. Por esse motivo, minha preocupação inicial era construir um ambiente confortável e acolhedor que possibilitasse uma adaptação tranquila àquele grupo. A professora com a quem compartilho a docência é cega. Então, há cada início de ano letivo, temos o desafio de construir com as famílias uma relação de confiança, de cuidado com o outro e de respeito às diferenças.

Pensando nisso, convidei minha colega para iniciarmos o ano com algumas histórias que falassem sobre as diferenças. Para tanto, sugeri iniciarmos pela história “Romeu e Julieta”, da autora Ruth Rocha. Esse é um dos livros da autora que abordam sobre o tema “Xô, preconceito!”. A história trouxe repercussões significativas, pois em vários momentos as crianças relembavam a narrativa, caracterizando-se das personagens e recontando a história à sua maneira.

No período de adaptação, foi notório o interesse da turma pelas histórias infantis: ficavam atentos à cada narrativa, reinterpretavam as personagens, demonstravam prazer em manusear os livros da sala e em frequentar a biblioteca da Instituição Educativa. Considerando essa motivação pela literatura infantil, as obras da Ruth Rocha foram escolhidas como norteadoras do projeto por serem narrativas originais e divertidas, que tematizam diferentes situações cotidianas, respeito à alteridade, bem como aspectos do imaginário infantil. Além disso, trata-se de uma autora brasileira com vasta experiência, que vem se dedicando há mais de cinquenta anos à literatura infantil e juvenil.

Entendo que a criança é um ser que habita o mundo ativamente, que interage com outras crianças e com adultos e que nessas interações forma sua identidade. Como parte integrante da nossa cultura, a expressão literária tem um importante papel social na educação dessas crianças. Partindo dessa concepção, entendo que devemos contar histórias para as crianças, porque esse é um meio de se saber quem é aquela criança com quem estamos trabalhando e que infância aquela criança vive. Além disso, contar histórias é importante para ressignificar a função das diferentes linguagens; para desacomodar as certezas de um modo naturalizado de conceber o conhecimento; para comunicar o amor, a possibilidade da fraternidade, que implica proporcionar e fazer durar, ainda mais uma vez, o encontro humano do humano.

Dessa forma, o propósito do projeto foi proporcionar às crianças o encanto pela literatura infantil, tomando como ponto de partida as obras de Ruth Rocha; oportunizar que, ao ouvirem e recontarem as histórias, as crianças fossem organizando o pensamento, ampliando seu vocabulário e construindo um terreno para tornarem-se leitoras e contadoras de histórias. Através disso, o projeto

buscou promover as interações entre os pares, estreitando relações de afeto, reconhecimento e valorização das crianças na Instituição Educativa, favorecendo o conhecimento de si, do outro, do espaço e da comunidade escolar.

De acordo com Bettelheim (2002), as histórias infantis trazem contribuições psicológicas significativas para o crescimento interno da criança, ao ajudá-las na elaboração de seus conflitos íntimos. Nessa perspectiva, a literatura surge para ajudar a criança a perceber o outro e a despertar sua curiosidade, adquirindo assim significado para a vida. Ou seja, ao ouvir ou ler histórias, as crianças da turma do Nível IB foram desenvolvendo o imaginário e compreendendo o seu lugar na Instituição Educativa, na família e no mundo.

O contexto escolar: situando o local onde o projeto foi desenvolvido

A Instituição Educativa está vinculada ao Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC) e situa-se no campus da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Atende a turmas de berçário até o nono ano do Ensino Fundamental e, no turno da noite, oferece Educação de Jovens e Adultos. Os professores e auxiliares são nomeados pela prefeitura, mas há projetos de extensão, vinculados à FURG, que selecionam acadêmicos para desenvolverem atividades como bolsistas na escola. A instituição também dispõe de profissionais da saúde, vinculados ao posto do Centro.

No segundo semestre de 2015, ingressou no quadro de docentes da escola a primeira professora cega do Município, Luize. A Instituição Educativa procurou adaptar-se às necessidades específicas da professora, visando oportunizar sua efetiva inclusão como docente. Este fato trouxe repercussões na mídia local² e em âmbito nacional³. Naquele período, a professora Luize e eu começamos a trabalhar juntas na mesma turma. Desde então, temos experienciado a docência compartilhada em turmas de Nível I. Assim que começamos a trabalhar, percebi o quanto a comunidade escolar tinha a ganhar com sua presença na escola.

Antes de iniciar o período letivo de 2017, realizamos entrevistas com as famílias e percebemos certa insegurança em como seria a adaptação das crianças com uma professora cega. Por meio do diálogo, procuramos tranquilizar as famílias, inclusive relatamos experiências que havíamos tido nos anos anteriores com outros grupos de crianças da mesma faixa etária. No período de adaptação, ao vivenciar suas primeiras experiências na Instituição Educativa a Mariana, por exemplo, me fez algumas perguntas: “Por que a prof. Lu não enxerga? Ela consegue brincar comigo? Ela sabe amarrar o meu tênis?”. Ao tecer esses questionamentos, a Mariana estava demonstrando perceber a si e ao outro, manifestando seus sentimentos com relação a diferentes modos de perceber o mundo.

²Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/videos/t/todos-os-videos/v/conheca-luize-a-unica-professora-cega-da-rede-municipal-de-educacao-em-rio-grande-rs/4457549/>

³Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5457876/>

Em termos de contextualização geral do público atendido pela Instituição Educativa, desde a sua fundação, é formado por moradores do entorno – Bairros Castelo Branco II, Cibrazém, Cidade de Águeda, Vila Maria e adjacências. Conforme o Projeto Político Pedagógico da Instituição Educativa, as precárias condições de vida de grande parte dos estudantes atendidos pela instituição são latentes. Isso se manifesta na precariedade no que tange à inserção no mercado de trabalho, à vulnerabilidade em suas diferentes formas, à injustiça social e ambiental e à violação de direitos humanos básicos.

No contexto da turma do Nível I de 2017, a maioria das crianças ainda não tinha acesso aos diferentes meios culturais, suas vivências compreendiam: brincar, correr e assistir televisão. Muitas delas ainda não possuíam conhecimentos sobre as novas tecnologias, livros, músicas, teatros, cinemas ou museus. Portanto, para aquele grupo de crianças, essa Instituição Educativa foi a propulsora para aquisição de outras formas de conhecer e perceber o mundo.

Algumas crianças tiveram o contato com livros pela primeira vez. Precisaram de orientações sobre como segurar um livro e folheá-lo. Assim, no decorrer do ano letivo, um dos aspectos centrais que permeou o trabalho com a turma foram práticas de letramento, isto é, práticas que envolveram a imersão das crianças no mundo da escrita, mesmo sem ainda saberem ler.

O desenvolvimento do projeto “Ruth Rocha e suas obras: um mundo cheio de encantos”

O ponto de partida para o desenvolvimento do projeto foram algumas obras da escritora Ruth Rocha. Inicialmente, selecionei alguns livros que considere pertinentes para serem trabalhados com o grupo e, em seguida, elenquei algumas temáticas que foram orientadoras do trabalho.

A maior parte das histórias trabalhadas encontra-se na biblioteca da Instituição Educativa. Nossa biblioteca oportuniza às crianças um espaço confortável, com almofadas no chão, móveis coloridos, fantoches, TV para exibição de filmes, estantes baixas que facilitam o acesso aos livros, mesas redondas que possibilitam a realização de atividades em pequenos grupos. Enfim, trata-se de um lugar agradável, onde a turma do Nível IB desfrutou no decorrer daquele ano diversas práticas de leitura. O Adryel, a Brenda, o Carlos Eduardo, a Elohanna, a Emily, o Emmanuel, o Hector, o Lukas, a Mariana, a Mery Ellen, o Muriel, o Pedro, a Pyetra, a Rafaelly e a Talia sentiam-se pertencentes àquele espaço, lá eles tinham liberdade para escolherem os livros que queriam manusear e recontar.

Para pensar sobre isso, aproximo-me da perspectiva de Magda Soares. Conforme a autora:

[...] a criança que ainda não se alfabetizou, mas folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda ‘analfabeta’, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma, letrada” (SOARES, 1999, p. 24).

Este foi um dos focos de trabalho da turma: compreender os usos sociais da leitura e da escrita.

Vale salientar que, no desenvolvimento do trabalho, o papel das crianças não foi o de meros executores de tarefas, mas de coparticipantes, de pesquisadores, de co-criadores. As crianças realizaram intervenções; escolheram recursos e materiais necessários para a realização das atividades propostas, opinaram sobre as formas de registro das pesquisas realizadas: se em desenho, em modelagem, em textos coletivos, nos quais eu desempenhava a função de escriba da turma, etc.

O desenvolvimento do projeto também focalizou a coletividade do grupo. Entendo que o trabalho coletivo possibilita a participação cooperativa de todas as crianças, pois uns procuram ajudar os outros nos desafios que surgem. Segundo Constance Kamii (1990), as atividades em grupo incitam o raciocínio da criança e possibilitam que ela estabeleça novas relações que não estabeleceria caso não tivesse a oportunidade de interagir com outras crianças.

A organização do espaço também é algo que precisa ser considerado no cotidiano da pré-escola. Por esse motivo, esse projeto procurou pensar o espaço de modo que este pudesse “incentivar e estruturar as experiências corporais, afetivas, sociais e as expressões das diferentes linguagens das crianças” (BARBOSA; HORN, 2008, p. 75). Desse modo, as atividades propostas procuraram aproveitar todos os espaços da instituição de modo que as crianças pudessem elaborar seus próprios meios de expressão e atribuírem sentidos e significados às situações vivenciadas. Na sala foi organizado um local para expor as produções realizadas pelas crianças. Além disso, o espaço da sala foi organizado conforme o interesse das crianças de forma articulada com o tema do projeto.

Como artefato articulador do projeto, utilizamos um baú de histórias, confeccionado com caixa de papelão. Cada vez que o baú aparecia, começava o alvoroço, pois as crianças já sabiam que de dentro dele saíam novas histórias cheias de encantos.

A primeira história que trabalhamos foi “Romeu e Julieta”, que trata sobre um reino colorido e cheio de flores, onde as coisas são separadas pelas cores. Com muita imaginação e fantasia, a professora Luize e eu dramatizamos a história por meio de uma encenação teatral. Após, cada criança teve a oportunidade de caracterizar-se da personagem de que mais gostou. Com essa história, iniciamos algumas conversas e as crianças chegaram às suas próprias conclusões, tais como a da Mariana: “Romeu é azul, Julieta é amarela. São borboletas diferentes... A Prof. Lu não enxerga com os olhos, mas ela brinca com a gente!”.

Outra atividade que realizamos que despertou muito o interesse do grupo foi a “Dança dos ventos”, após a história “O nosso amigo ventinho”. Utilizando tiras de tecidos, simulamos os movimentos dos ventos e ao som do CD “As quatro estações”, de Vivaldi, dançamos com o nosso novo amigo *Ventinbo*. Com essa atividade, as crianças tiveram a oportunidade de ouvir melodias diferentes das que já estavam habituadas.

Outra história bastante significativa foi “Vivinha, a Beleiazinha”, que trata sobre uma baleia que não era igual a nenhuma outra: não era cinza, nem branca, nem preta e branca. Era uma baleia estampada, “cheia de bolinhas, listrinhas, florezinhas...”. Por ser diferente, vivia triste e sozinha. Mas, de repente, foi surpreendida com a preparação de um filme, cujo produtor era o Polvo Valdemar e que para a

personagem principal procurava alguém sensacional! As crianças foram cativadas pela narrativa, que contamos por meio de um varal de histórias. No decorrer, foram realizando algumas constatações. A Elohanna, por exemplo, alegou: “Minha mãe, diz que a gente tem cabelo ruim, mas não acho. Eu gosto do meu cabelo!” [falava, enrolando os cachos com os dedos]. Entrelaçada a essa afirmação, fomos comparando cor, comprimento e texturas dos nossos cabelos, conduzindo o grupo a perceberem a variedade em nosso meio. Então, questionei a turma: “Se todos tivéssemos o mesmo cabelo, como seria?”. “Tudo igual?”, perguntou a Rafa. “Muito chato, muito chato”, disse o Muriel. Depois disso, surgiu do grupo algumas curiosidades sobre as baleias como, por exemplo: “Que espécies existem? Como elas respiram? Quantos filhotes elas têm?”. Partindo desses questionamentos, realizamos uma pesquisa sobre a vida das baleias e, depois, fizemos um livro com os achados.

A partir do Livro “Bom dia, todas as cores”, conhecemos o Camaleão (quem é, onde vive, o que come). As crianças demonstraram muito interesse ao verem fotografias de diferentes espécies de camaleões, inclusive, realizaram comparações com animais que conhecem (lagartixa e lagarto). Ainda relacionado à narrativa, realizamos experiências com misturas de tintas e também preparamos gelatinas de cores variadas, explorando as cores e os sabores. Replico aqui um dos excertos do livro mais marcantes para as crianças, as quais pediram que eu repetisse a leitura algumas vezes: “— Por mais que a gente se esforce, Não pode agradar a todos. Alguns gostam de farofa. Outros preferem farelo... Uns querem comer maçã. Outros preferem marmelo... Tem quem goste de sapato. Tem quem goste de chinelo... E se não fossem os gostos, Que seria do amarelo?”.

Na semana da Páscoa trabalhamos com duas histórias: “O coelhinho que não era de páscoa” e “Pedrinho Pintor”. Trabalhamos com o sentido cultural da data comemorativa e as releituras feitas pela autora Ruth Rocha, tais como: “Os pais de Vivinho eram Coelho de Páscoa e ele também tinha que ser? Que outra profissão poderia escolher?” E mais... “Será que o valor da pessoa se mede pelo tipo de roupa que ela veste?”. Preparamos receitas culinárias como o Vivinho, o coelhinho cozinheiro, e também confeccionamos nossas cestinhas de Páscoa criativas, inspiradas pelo coelhinho pintor.

Seguindo o calendário da escola, para contextualizar a comemoração referente ao dia de “Quem cuida de mim?”, trabalhamos com a história “Vidinha boa”, realizando articulação da família coruja com a família das crianças. A partir dessa história, mais alguém passou a integrar a nossa turma: A Bebê coruja (personagem confeccionada de tecido), que carinhosamente a turma a chamou de Florida. Ela foi a mascote da turma e passou a visitar a casa das crianças. Diariamente, a Florida foi para uma casa diferente e, buscando, oportunizar a participação da família, ela foi com o seu livro de registros, onde cada família escreveu um pouco da história e das vivências da Florida no seu lar.

Antes de encerrarmos o primeiro semestre, trabalhamos com a poesia “As coisas que a gente fala”. Por meio dela, aprendemos que nossas palavras deixam marcas, por isso precisamos cuidar para sermos gentis e educados com os outros. Essa poesia abriu espaço para explorarmos nossos sentidos e sensações, ampliando a temática para “as coisas que a gente ouve”, “as coisas que a gente vê”, “as coisas que a gente come”, “as coisas que a gente toca” (tato) e “as coisas que a gente sente” (sentimentos). A

partir disso, desenvolvemos atividades que buscaram explorar seus sentidos e percepções: visão, audição, tato, paladar e olfato.

Em uma de nossas rodas de conversas sobre os sentidos, surgiu um questionamento: “E as pessoas que não podem ver?”. Muito rapidamente, o Muriel declarou: “Aí é que nem a Prof. Lu que vê com os dedos...” Depois disso, a professora Luize mostrou às crianças um livro em Braille, manuseou a reglete e mostrou como funciona o celular de uma pessoa cega. As crianças ficaram maravilhadas! Todas quiseram ver e sentir com as pontas dos dedos a escrita de seus nomes em Braille e ainda pediam para ficar ouvindo o celular dela “falar”. Experimentaram, também, caminhar de olhos fechados, apoiados pela “guia” que a professora utiliza para deslocar-se.

Depois disso, o projeto teve outros desdobramentos que não havíamos previsto inicialmente. Suscitadas pelo questionamento: “E as pessoas que não podem ouvir?”, as crianças foram levantando suas hipóteses e, após, conversamos um pouco sobre a cultura surda. A turma toda demonstrou muita curiosidade para aprender sinais em LIBRAS. Saíram contentes realizando os gestos de “Oi” e “Bom dia”, que ensinamos para elas.

Em outro dia, em meio à brincadeira livre na sala, havia um burburinho. Aproximei-me para tentar entender sobre o que falavam. As crianças discutiam entre si sobre o que acontecia com as pessoas que não podem andar... Naquele momento, não intervi. Preferi permanecer como ouvinte. As crianças davam continuidade à discussão: algumas argumentavam que essas pessoas precisam de cadeira de rodas, outra mencionou que se chamam de “cadeirantes”. Outra ainda completou: “Já vi adesivo no ônibus”. “Quanta aprendizagem! Quanta reflexão! Crianças tão pequenas, mas que já demonstram essa percepção!” – Foi isso o que pensei naquele momento. Voltei a observar as crianças e lá estava uma delas sentada em uma cadeira da sala e as demais a tentavam empurrar. Então, pensei: “Agora é hora de intervir!”. Providenciamos uma cadeira giratória e a brincadeira teve continuidade. Lá estavam eles, meninos e meninas, envolvidos em uma brincadeira fantástica que simulava o deslocamento de uma pessoa cadeirante.

O primeiro semestre encerrou com a construção do nosso jardim sensorial. Para isso, coletamos objetos ao redor da Instituição Educativa, tais como: pinhas, folhas, pedras e gravetos. Construímos móveis dos personagens de todas as histórias trabalhadas até então e, por indicação da prof. Lu, fizemos também garrafinhas sonoras e paninhos perfumados, os quais manipulávamos com os olhos vendados. Com essa experiência, as crianças exploraram os sentidos do tato, audição e olfato, sem a utilização da visão, aproximando-se da realidade vivenciada pela professora Luize. Construímos também o nosso túnel para a saída. Depois, brincamos e nos encantamos com o nosso Jardim, inclusive convidamos as outras turmas para brincarem nele. Com muita imaginação, as crianças o denominaram de “Jardim encantado”!

No decorrer do segundo semestre, o projeto “Ruth Rocha e suas obras: um mundo cheio de encantos” continuou envolvendo o grupo, mas agora com ênfase nos livros das séries “A turma da nossa rua”, “Quem tem medo?” e “Marcelo, Marmelo, Martelo”. Com as atividades propostas, as crianças

ampliaram as vivências e os saberes desenvolvidos no semestre anterior, conhecendo outras formas de ver, sentir, expressar e reinventar o mundo: por meio da literatura infantil.

Em nossa sala, o nosso baú de histórias continuou atraindo a atenção da turma, pois cada vez que ele aparecia, era sinal de que viria uma nova história por ali. “A autora, todos já sabiam de cor, ‘Ruth Rocha’, é o seu nome. Durante o segundo semestre, conhecemos um pouco mais sobre ela. Localizamos no mapa do Brasil o local de seu nascimento (São Paulo), vimos fotografias de quando ela tinha a mesma idade das crianças (4 e 5 anos). Descobrimos que ela amava ler gibis (histórias em quadrinhos), e, quando criança, um de seus livros preferidos era os de Monteiro Lobato (o criador da Emília do Sítio do Pica-pau Amarelo). O tempo passou, ela casou e teve uma filha, que se chama Mariana. Vejam só que coincidência, igualzinho ao nome da nossa coleguinha Mariana. Não temos como esquecer!” (Extraído do relatório da turma).

No segundo semestre, tínhamos a feira literária da Instituição Educativa. Conversamos e decidimos juntos o que iríamos apresentar. A escolha da turma foi: “Vamos fazer um livro gigante!”. Nele, contamos um pouco do que aprendemos com o nosso projeto. Foi um momento também de relembrarmos as histórias que conhecemos desde o início do ano. Imprimi em tamanho reduzido as capas de todos os livros que havíamos trabalhado e fiquei surpreendida ao ver que só em olhar as fotos das capas, as crianças já sabiam os títulos das histórias e os nomes dos personagens.... Até aqueles mais esquisitos como o “Catapimba” da turma do “Passa-por-cima”.

No decorrer do projeto, trabalhamos também com o livro “Amigo do Rei”, da série *Vou Te Contar!* Por meio dessa narrativa, realizamos aproximações com a Lei 12.519, que institui o Dia Nacional da Consciência Negra. O livro aborda sobre o contexto brasileiro, no tempo da escravidão, quando “brancos e negros não podiam ser amigos, não. Mas, para as crianças, quem manda é o coração, e o escravo Matias era amigo de Ioiô, seu patrão. Brincavam e brigavam, indiferentes a qualquer lei, sem saber que, um dia, um deles ainda seria rei”. Após a narrativa, as crianças foram expressando suas compreensões por meio do desenho. Algumas foram seletivas na escolha da cor do lápis, escolheram o marrom para representar o Matias. Representaram as personagens como meninos alegres, com sorriso largo e de mãos dadas.

A última história que trabalhamos foi “A Cinderela das bonecas”. Trabalhar com essa história nos oportunizou o contato intergeracional. Trocamos cartinhas com a vovó neném. Ela nos ensinou brincadeiras do seu tempo como: telefone sem fio, bolinhas de gude, pular corda e soltar pipa. Brincamos também de inventar histórias malucas que nem ela fazia, misturando os personagens de várias histórias diferentes. E, por fim, fizemos uma linda festa, com o desfile das bonecas que a vovó neném nos deu de presente, que ela mesma fez à mão.

Para o encerramento do ano letivo, as crianças escolheram a representação da história “Quem tem medo de monstro?”. Para tanto, apresentamos a música do recital *Na casa da Ruth*, que tem o mesmo nome do livro. Foi uma experiência enriquecedora ao grupo, pois possibilitou o contato com variados elementos que compõem o espaço cênico: o palco, o cenário, a iluminação, a plateia, etc. Cada criança

escolheu a personagem que queria representar e estabelecemos parcerias com as famílias para essa caracterização.

Avaliando a experiência: algumas considerações

Ler, brincar, interpretar e recontar. Fantasiar, criar e se encantar. Essas ações permearam as vivências do Nível IB durante o ano letivo de 2017. Retomando os objetivos do projeto, percebo êxito nos resultados. Como ilustração, trago, a seguir, excertos do relatório avaliativo da turma, o qual foi entregue às famílias juntamente com o parecer individual de cada criança:

Trabalhar com as histórias infantis da autora Ruth Rocha trouxe contribuições significativas para esse grupo de crianças. Uma delas trata-se da tipificação das personagens: a criança, ouvinte/leitora, geralmente se identifica com aquele personagem que mais desperta a sua simpatia e, a partir dessa identificação, começa a desenvolver atitudes que se aproximam com a da personagem. Por exemplo: o Emmanuel e a Brenda associaram-se muito com o camaleão da história “Bom dia todas as cores”, pois a cor preferida deles também é rosa e, como mostra a história, podemos ter gostos e opiniões diferentes uns dos outros. A Elohanna, a Mariana, o Lukas e o Muriel identificaram-se muito com a história “Vivinha, a Baleiazinha”, demonstrando interesse em salientar que assim como a Vivinha, nós também somos diferentes uns dos outros, mas que isso é uma coisa boa. A Pyetra, a Emily e a Rafaelly gostaram muito da história “Romeu e Julieta”, pois tiveram a oportunidade de vivenciar a vida das personagens, caracterizando-se de borboletas. A Mery Ellen e a Talia envolveram-se muito com a história “Nosso amigo Ventinho”. Sempre que desenvolvíamos atividades ao ar livre, e sentiam o vento, elas exclamavam: “Ventinho veio brincar com a gente!”. Já o Pedro identificou-se muito com o livro do “Pedrinho Pintor”, afinal o coelhinho tinha o mesmo nome que o seu. O Carlos Eduardo, o Adryel e o Hector encantaram-se com a personagem “Vidinha Boa”, ao recontarem a história utilizando os dedoches das personagens, eles demonstraram muito envolvimento ao cuidar do bebê coruja (RELATÓRIO DA TURMA, 2017).

E eu, como uma das professoras do grupo, considerei enriquecedora a narrativa “As coisas que a gente fala”, pois quando planejei trabalhá-la com a turma, não havia previsto todos os desdobramentos que ela teria (abordagem sobre pessoas com outras deficiências, como os surdos e os cadeirantes). A discussão entre as crianças e a brincadeira que elas mesmas inventaram foi um momento de grande emoção para mim como professora, pois percebi, na interação entre elas, a valorização das diferenças. Também me marcaram muito as histórias da série *Quem tem medo de quê?*, pois, por meio da fantasia, as crianças abordaram sobre seus medos, reais e imaginários, e através desta experiência percebi que a maioria desses medos decorre daquilo que lhes causam estranhamento por ser algo que ainda não conhecem. Como exemplo disso, compartilho um excerto do parecer avaliativo do Hector: “É surpreendente observar o envolvimento do Hector com a professora Luize no decorrer do semestre. No início do ano letivo, ele demonstrou certo desconforto, contudo pouco a pouco foi construindo uma relação de confiança e de amizade com a professora”. As histórias da Ruth Rocha sobre os medos foram tão significativas para a turma que a narrativa “Quem tem medo de monstro?” foi escolhida, por unanimidade, para a apresentação de encerramento do ano.

Retomando essas experiências, avalio que esse grupo de crianças, ao ter contato com elementos textuais por meio dos livros, foi se familiarizando com a função social da escrita e compreendendo para que ela serve. No decorrer do ano, tivemos várias situações que despertaram esse interesse no grupo: a escrita do livro da turma, a escrita da lista do piquenique, a confecção de cartazes, a chamada interativa, o nosso calendário, o manuseio de livros, revistas, receitas e cartas. Essas atividades, bem como jogos, brincadeiras e as leituras realizadas por mim e pela professora Luize foram promovendo o contato da turma com diversos portadores de textos e gêneros literários.

Trabalhar com práticas de letramento na Educação Infantil, isto é, com os usos sociais da leitura e da escrita ainda é um grande desafio. Compactuo da concepção defendida por Galvão (2016), o qual menciona que o objetivo da Educação Infantil não é a alfabetização, em seu sentido restrito. “Embora crianças da pré-escola possam se alfabetizar por interesse particular a partir das interações e da brincadeira com a linguagem escrita, não cabe à pré-escola ter a alfabetização da turma como proposta” (GALVÃO, 2016, p. 26). Frente a isso, avalio que as situações de aprendizagem propostas às crianças, por meio desse projeto, correspondiam às suas possibilidades de aprendizagem.

Retomando o relatório da turma, os pareceres descritivos e os portfólios individuais, que foram meios utilizados para avaliar a aprendizagem das crianças, reflito que a escrita foi uma das linguagens trabalhadas durante ano. Além dela, exploramos a linguagem artística: artes cênicas e artes plásticas. Montamos encenações teatrais, organizamos figurinos e caracterização de personagens. Recriamos e inventamos nossas próprias histórias. A turma também foi incentivada a realizar releituras das histórias narradas, utilizando a criatividade para criar suas próprias formas de registros.

Através das atividades de pintura, desenho, recorte e colagem, a turma do Nível IB teve a oportunidade de vivenciar momentos de criações espontâneas, repletos de sentidos e significados. Assim, durante o ano, a linguagem artística foi trabalhada como forma de expressão e comunicação de sentimentos. Por meio das situações propostas por mim e minha colega, as crianças foram incentivadas a explorar diferentes texturas e materiais, a potencializar o imaginário infantil para criar e recriar seus processos de expressões e comunicação de sentimentos. Desse modo, a sensibilidade, a criatividade, as interações e as brincadeiras constituíram-se como eixos das atividades pedagógicas e das relações diárias da turma do Nível IB.

Atrelado a isso, foi muito satisfatório acompanhar o envolvimento das crianças com a professora Luize no decorrer do ano. Ainda que no início do ano letivo, algumas crianças se reportavam apenas a mim, procurei incentivá-las a se aproximarem mais da Luize e, pouco a pouco, foram construindo uma relação de confiança e de amizade, identificando-a também como professora. Um excerto do parecer individual da Pyetra serve como uma boa ilustração disso:

A Pyetra demonstra muito prazer em frequentar a biblioteca semanalmente. Um de seus livros preferidos é o da “Dorinha”. Dorinha é uma das novas personagens da Turma da Mônica, é uma menina cega, que reconhece seus amigos pela voz, pelo cheiro e pelo toque. A Pyetra costuma procurar esse livro na biblioteca e agora ela mesma narra a história aos colegas, sem precisar que as professoras realizem a leitura. Com

frequência ela estabelece articulações entre a personagem Dorinha e a professora Luize (PARECER INDIVIDUAL, 2018)

Faço questão de ressaltar a relevância da experiência que a turma teve em conviver com uma professora cega. Com essa vivência, esse grupo de crianças foi aprendendo a conviver com as diferenças e as necessidades do outro desde cedo. Essas aprendizagens contribuem, sem dúvida, para a construção de uma sociedade que respeite o outro, seja mais justa e menos preconceituosa. Com certeza, é um trabalho que não se encerra por aqui. Pode e precisa ter outros tantos desdobramentos, visando o desenvolvimento de uma sociedade que respeite as diferenças e valorize o outro.

Ter vivido e estar vivendo esta experiência de trabalho, partilhando a docência com a professora Luize, tem sido um diferencial na minha trajetória profissional e de vida. Particularmente com relação a este projeto desenvolvido na turma do Nível IB, em 2017, aprendi a potência de articular o encantamento da literatura infantil brasileira e o respeito às diferenças, mesmo com crianças tão pequenas.

Esta experiência pode inspirar outros professores que vivem realidades similares, inclusive em contextos onde há alunos com deficiências, percebendo a potência do desenvolvimento das aprendizagens que toda a turma poderá partilhar, em um ambiente escolar que objetiva ser, verdadeiramente, inclusivo. É evidente que são necessárias adequações ao contexto para o qual se pretende, frente aos eventuais desafios que possam demandar, tais como: faixa etária das crianças, acervo literário disponível, necessidades específicas dos estudantes, dentre outros. Contudo, resalto que os professores que se inspirarem nesta prática, poderão esperar que seus alunos, ao ouvirem e recontarem histórias, estarão organizando o pensamento, ampliando seu vocabulário e construindo um terreno para tornarem-se leitores e contadores de histórias. Além disso, a partir de uma seleção cuidadosa de obras literárias que tematizem o respeito às diferenças, os professores poderão esperar que seus alunos reflitam e aproximem-se de uma visão de sociedade, de educação e de cidadania que prima pela valorização humana, pela alteridade e pelo respeito à diversidade e às diferenças individuais.

Referências

BARBOSA, Maria Carmem Silveira e HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre, Artmed, 2008.

BETTELHEIM, Bruno. Introdução: a luta pelo significado. In: **A Psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Crianças e cultura escrita. In: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações**. 1.ed. Brasília: MEC/SEB, 2016. Disponível em:

<http://www.projetoletituraescrita.com.br/wp-content/uploads/2017/08/Caderno_3.pdf>. Acesso em: 16 set. 2018.

KAMII, Constance. **A Criança e o Número**: implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de 4 a 6 anos. 12. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. São Paulo: Autêntica 1999.

Recebido em: 16/09/2018
Aprovado em: 07/02/2019